

Tópico de Teoria e Análise Linguística: a Gramática Discursivo-Funcional

Juan Prete Tojeira-Ramos*

Resumo: O funcionalismo linguístico consiste em estudar a linguagem verbal como um instrumento de comunicação e de interação social. Portanto, a linguística funcional se baseia no uso real da língua, enquanto ferramenta com propósitos comunicativos. A Gramática Discursivo-Funcional, desenvolvida por Hengeveld e Mackenzie (2008), constitui um componente de uma teoria mais ampla de interação verbal, cuja finalidade é dar conta de explicar todos os sistemas linguísticos e fornecer um aparato teórico que abranja a enunciação e a comparação dos universais linguísticos (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012). Sendo assim, o objetivo deste artigo é apresentar os pressupostos teóricos da Gramática Discursivo-Funcional, enfocando os Níveis Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico, que constituem o Componente Gramatical.

Palavras-chave: Funcionalismo linguístico; Gramática Discursivo-Funcional; Níveis de organização linguística.

Abstract: Linguistic functionalism consists of studying verbal language as an instrument of communication and social interaction. Therefore, functional linguistics is based on the actual use of language, as a tool for communicative purposes. The Functional Discourse Grammar, developed by Hengeveld and Mackenzie (2008), constitutes a component of a broader theory of verbal interaction that aims at accounting and explaining all linguistic systems, and to provide a theoretical apparatus that covers enunciation and comparison linguistic universals (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012). The objective of this article is to present the theoretical assumptions of Functional Discourse Grammar, focusing on the Interpersonal, Representational, Morphosyntactic and Phonological Levels, which constitute its Grammatical Component.

Keywords: Linguistic functionalism; Functional Discourse Grammar; Levels of linguistic organization.

* Artigo elaborado com base no relatório final do Estágio de Formação Básica intitulado “Introdução aos estudos de linguística funcional: Gramática Funcional e Gramática Discursivo-Funcional” (Cf. TOJEIRA-RAMOS, 2020), realizado junto ao Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Câmpus de São José do Rio Preto, sob a orientação da Profa. Dra. Erolde Gorette Pezatti.

E-mail: juan.tojeira@unesp.br, <http://lattes.cnpq.br/5928276878543310>, <https://orcid.org/0000-0002-5137-8834>

1. Introdução

No funcionalismo linguístico, estuda-se o uso efetivo da língua entre interlocutores reais, considerando também o contexto linguístico. Nesse modelo teórico, uma língua natural é um instrumento de interação social. O fato de ser um instrumento significa que ela não se realiza de forma independente como uma estrutura arbitrária, mas que existe em razão de ser usada para atingir propósitos comunicativos (DIK, 1989).

Considerando o funcionalismo holandês, é importante evidenciar que o modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), formulado por Hengeveld e Mackenzie (2008), é sucessor da Gramática Funcional (GF), elaborada por Simon Dik (1989, 1997). No modelo da GF, compreende-se que a interação verbal por meio da língua é uma forma de atividade cooperativa estruturada, visto que a interação deve ser cooperativa entre Falante e Destinatário e governada por regras (DIK, 1989). Diferentemente do modelo dikiano, cujo enfoque é a oração, a GDF parte do Ato Discursivo para a forma das expressões linguísticas.

O objetivo principal deste artigo é apresentar, de modo resumido, os pressupostos teóricos da GDF, especialmente os níveis de organização linguística (Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico) que integram o Componente Gramatical. Trata-se, dessa forma, de uma revisão bibliográfica, que consiste principalmente na leitura e no fichamento de trabalhos teóricos que caracterizam o funcionalismo linguístico contemporâneo, sobretudo o funcionalismo holandês. A fim de uma melhor introdução e discussão, o artigo traz uma apresentação resumida das obras selecionadas.

Desse modo, o texto se organiza da seguinte forma. Na próxima seção, apresenta-se alguns apontamentos iniciais a respeito da GDF. Posteriormente, aborda-se os níveis de organização linguística que compõem o Componente Gramatical deste arcabouço teórico. Por fim, realiza-se algumas considerações com relação ao que foi tratado ao longo deste trabalho.

2. A Gramática Discursivo-Funcional

A GDF é concebida como o Componente Gramatical de um modelo mais amplo de interação verbal, que se liga aos Componentes Conceitual, Contextual e de Saída (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 43-44). Embora considere o uso e o discurso, a GDF não se concebe como uma teoria do discurso (PEZATTI, 2011, p. 34).

Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 49) afirmam que o usuário dispõe de conhecimento tanto das unidades funcionais e formais da língua quanto das maneiras pelas quais essas unidades podem ser combinadas. Os autores esclarecem que a GDF não diz nada sobre textos, porém se preocupa com o impacto da textualidade sobre a forma das unidades linguísticas (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 48). Ademais, não privilegia a sintaxe, mas vê a organização do Nível Morfossintático como um aspecto significativo de codificação linguística (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 48).

A GDF, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 29), insere-se em uma posição intermediária entre o funcionalismo radical, representado pela Gramática Sistêmico-Funcional, elaborada por Halliday, e o formalismo radical, representado pela *Role and Reference Grammar*, criado por Van Valin, indicando que sua orientação se volta tanto para a forma quanto para a função, sendo, portanto, como afirma Butler (2003 apud PEZATTI, 2011, p. 33), uma *gramática estrutural-funcional*.

No momento da interação, Falante e Ouvinte compartilham uma informação pragmática entre si. A pragmática é o componente mais abrangente, no interior do qual se estudam a semântica e a sintaxe, sendo a semântica dependente da pragmática, e a sintaxe subordinada à semântica (PEZATTI, 2011, p. 25). Dessa forma, não há uma sintaxe autônoma, visto que essa depende de componentes pragmáticos e semânticos. Na GDF, “a Pragmática comanda a Semântica, a Pragmática e a Semântica comandam a Morfossintaxe e a Pragmática, a Semântica e a Morfossintaxe comandam a Fonologia”, como aponta Pezatti (2012a, p. 110).

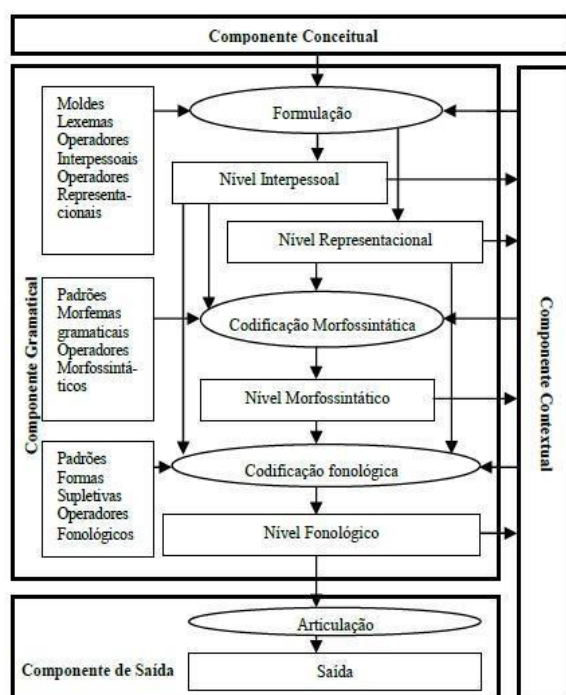
De acordo com a GDF, a construção de um enunciado se inicia com a intenção comunicativa do Falante, ou seja, no Componente Conceitual. Por meio da operação de formulação, essas representações conceituais, isto é, pré-linguísticas, são traduzidas, nos Níveis Interpessoal e Representacional, em representações pragmáticas e semânticas, e unidades de natureza morfossintática, na codificação morfossintática, e de natureza fonológica, no Nível Fonológico (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 46-47). Ademais, cada língua tem processos específicos de formulação e de codificação; portanto, as categorias pragmática, semântica, morfossintática e fonológica não são regidas por princípios universais (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 44).

As *regras de formulação* empregam um conjunto de primitivos que abrangem moldes, lexemas e operadores. As *regras de codificação morfossintática*, por sua vez, situam-se em um conjunto de primitivos que integram padrões morfossintáticos, morfemas gramaticais e operadores morfossintáticos. Já as *regras de codificação fonológica* se encontram em um conjunto de primitivos constituído de padrões fonológicos, formas supletivas e operadores fonológicos (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 12-13).

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 46), o Componente Conceitual é responsável pelo desenvolvimento da intenção comunicativa do Falante e pelas conceitualizações referentes aos eventos extralinguísticos pertinentes, sendo, dessa forma, a força motriz por trás do Componente Gramatical. No Componente Contextual, há dois tipos de informação, a informação imediata, ou seja, de curto prazo, e a informação de longo prazo. Esse componente “alimenta” as operações de formulação e de codificação, ao disponibilizar elementos que podem influenciar a composição do Ato Discursivo posterior (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 47). O Componente Gramatical representa a gramática propriamente dita de uma língua natural e envolve operações de formulação e de codificação, como visto anteriormente. O Componente de Saída, por outro lado, é responsável por gerar as expressões acústicas, escritas ou gestuais, considerando a informação fornecida pelo Componente Gramatical (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 6).

Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 12) afirmam que a GDF é compreendida como uma arquitetura modular, com organização descendente (*top-down*), isto é, do Ato Discursivo para a forma das expressões linguísticas, conforme explicita a Figura 1.

Figura 1 – Arquitetura da GDF



Fonte: Adaptada de Hengeveld e Mackenzie (2008)

O Componente Gramatical é representado por meio de (1) elipses, que são destinadas às operações, (2) caixas, que são reservadas aos primitivos, e (3) retângulos, que são concedidos aos níveis de representação: Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 45).

3. Os níveis de organização linguística da GDF

Nesta seção, são apresentados e explicados os níveis de organização linguística da GDF.

3.1 Nível Interpessoal

O Nível Interpessoal captura as distinções de formulação que se referem à interação entre o Falante e o Ouvinte, sendo responsável pela evocação e abrangendo, nas camadas superiores, noções retóricas e, nas camadas inferiores, distinções pragmáticas (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 51). Esse nível se refere aos aspectos formais da unidade linguística, os quais representam o papel dessa unidade na interação entre Falante e Ouvinte (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 46). Na interação, cada interlocutor tem um objetivo em mente, que estabelece a estratégia assumida pelo Falante para alcançar seu propósito comunicativo. É, então, o nível responsável pela retórica e pela pragmática. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 46), a *retórica* está relacionada tanto aos modos como se organizam os componentes de um discurso, a fim de alcançar a estratégia comunicativa do Falante, quanto às propriedades formais de enunciados que fazem com que o Ouvinte aceite os objetivos do Falante. Já a *pragmática* é compreendida como o estudo da maneira como os Falantes moldam as suas mensagens com base nas expectativas que têm do estado mental do destinatário.

Nesse nível, a camada mais alta retrata o segmento inteiro do discurso, com várias camadas intermediárias que levam até os componentes da unidade linguística individual

(PEZATTI, 2016, p. 21). Para uma melhor visualização, as relações hierárquicas aplicadas ao Nível Interpessoal são representadas na Figura 2.

O Movimento (M) é a maior unidade de interação pertinente para a análise gramatical, podendo ser definido como uma contribuição para a interação em desenvolvimento, visto que pode demandar uma reação ou ser a reação propriamente dita (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 51-52), conforme o exemplo (1), extraído de Pezatti (2016, p. 22).

(1) durante esta ocupação para que hoje em dia os filhos tornam assim. se não fosse os pais, pronto, não fossem os pais, os filhos nunca tiveram ou, não teriam que ser como agora (TL99:IdentidadePovo).

Figura 2 – Relações hierárquicas do Nível Interpessoal

$(\Pi M_i:$	Movimento
$(\Pi A_i: [$	Ato Discursivo
$(\Pi F_i: ILL (F_i): \Sigma (F_i))$	Ilocução
$(\Pi P_1: \dots (P_1): \Sigma (P_1))_s$	Falante
$(\Pi P_2: \dots (P_2): \Sigma (P_2))_A$	Ouvinte
$(\Pi C_i: [$	Conteúdo Comunicado
$(\Pi T_i: [...] (T_i): \Sigma (T_i))$	Subato Atributivo
$(\Pi R_i: [...] (R_i): \Sigma (R_i))$	Subato Referencial
$] (C_i): \Sigma (C_i))$	Conteúdo Comunicado
$] (A_i): \Sigma (A_i))$	Ato Discursivo

Fonte: Adaptada de Hengeveld e Mackenzie (2008)

O núcleo de um M é constituído de um ou mais Atos Discursivos. O Ato Discursivo (A) é a unidade básica do discurso, ou seja, a menor unidade identificável de comportamento comunicativo (KROON, 1995, p. 65). Havendo mais de um A, a relação entre eles pode ser de equipolência ou de dependência. Neste último caso, há um Ato Discursivo nuclear, que é comunicativamente mais relevante, e um subsidiário, que tem uma função retórica. A GDF considera cinco funções retóricas: Motivação, Concessão, Orientação, Correção (ou Esclarecimento) e Aposição.

A função retórica Motivação apresenta a justificativa do Falante para enunciar a Ilocução contida no Ato nuclear (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 54), como em (2), retirado de Pezatti (2017, p. 12, grifo nosso), em que o Ato subsidiário “*que a minha mãe não, não me deixa conversar*” justifica o Ato imperativo “*vai-te embora*”.

(2) *vai-te embora que a minha mãe não, não me deixa conversar* (PT97:NamoroOutrosTempos).

A função Concessão consiste em um Ato subsidiário usado pelo Falante para admitir que ele está consciente do fato de que o conteúdo do Ato Discursivo precedente não é o esperado (KEIZER, 2015, p. 55), como exemplifica a oração “*apesar que a::esse problema aí do Sema foi resolvido acredito de forma justa*” em (3), retirado de Pezatti (2017, p. 12, grifo nosso).

(3) *::...isso daí::não tem como cê controlar... apesar que a::esse problema aí do Sema foi resolvido acredito de forma justa... (AC-49; RO: L. 238).*

A Orientação fornece ao Ouvinte uma direção no que diz respeito às intenções comunicativas do Falante, ao indicar, dentro de um Movimento, seu desejo de inserir um referente no discurso que serve de suporte para o Conteúdo Comunicado (C) no A subsequente (KEIZER, 2015, p. 55). Em (4), extraído de Pezatti (2017, p. 12), a expressão “*quanto à coleta*” prepara o Ouvinte para o Ato Discursivo (nuclear) seguinte (KEIZER, 2015, p. 55, grifo nosso).

(4) *quanto à coleta* se os homens pré-históricos dependiam... da colheita... de... frutas... raízes... que eles NÃO plantavam...que estava à disposição deles na natuREza... eles também tinham que obedecer o ciclo::... vegetativo (EF-SP-405:76).

A Correção (ou Esclarecimento) adiciona uma informação para esclarecer (parte de) o Ato Discursivo precedente (KEIZER, 2015, p. 55), considerado pelo Falante como não comunicativamente adequado para a correta interpretação de sua intenção comunicativa, como é o caso do Ato Discursivo *teatro* em (5), retirado de Pezatti (2017, p. 12, grifo nosso), que esclarece o referente não expresso no Ato nuclear que o antecede.

(5) e tive oportunidade de trabalhar fazer uma cena como o:: o balé russo... eu era alu/aluna da Maria Ulineva... então para mim era uma noviDAde né? *teatro* (DID-SP-234:258).

A Aposição consiste em um Ato subsidiário constituído por uma oração adjetiva não restritiva, ou seja, uma oração adjetiva explicativa, de acordo com a Gramática Tradicional (GT), que apresenta uma informação de fundo sobre uma entidade evocada dentro do Ato Discursivo nuclear (KEIZER, 2015, p. 56), como exemplifica (6) (PEZATTI, 2016, p. 25, grifos da autora), em que a oração “*que também foi, eh, membro, nosso... companheiro nesta casa*” integra uma informação a respeito de Teixeira da Mota.

(6) lança, por exemplo, Teixeira da Mota, *que também foi, eh, membro, nosso... companheiro nesta casa* (Portugal 89:CartografiaPortuguesa)

Como já observado, o Ato Discursivo é a unidade básica do discurso, isto é, a menor unidade identificável de comportamento comunicativo, e pode conter, no máximo, quatro componentes: uma llocução (F), que tem a função de indicar a finalidade do ato verbal, um Falante (P1) e um Ouvinte (P2), que são os interlocutores em uma situação comunicativa, e um Conteúdo Comunicado (C), que abrange tudo o que o Falante deseja evocar na sua comunicação com o Ouvinte (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 53). No caso de F, as intenções comunicativas podem ser várias, tais como chamar a atenção, afirmar, dar ordem, questionar, alertar, requerer, entre outras (PEZATTI, 2017, p. 16).

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 52), um Ato Discursivo manifesta somente os componentes que tenham sido utilizados pelo Falante, tais como a llocução (F) e o próprio Falante (P1), havendo, portanto, três tipos de Atos Discursivos: os Expressivos, os Interativos e os de Conteúdo.

Os Atos Discursivos Expressivos indicam sentimentos do Falante (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 52), como em “Nossa senhora!”. Os Interativos, por sua vez, “consistem de material lexical invariável frequentemente ritualizado” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 52), a exemplo de “Bom dia!”. Já os de Conteúdo implicam um Conteúdo Comunicado e uma llocução Lexical ou Abstrata, observados em “Prometo que estarei lá amanhã” e “Estarei lá amanhã” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 52).

O Conteúdo Comunicado contém Subatos. Há dois tipos de Subatos, Atributivo (T) e Referencial (R). O Subato Atributivo consiste na tentativa do Falante de evocar uma proprie-

dade que se aplica a uma entidade (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 54), encontrado em “correr”, “inteligente” e “verde” (PEZATTI, 2016, p. 23). O Subato Referencial, por outro lado, implica na tentativa do Falante de evocar um referente (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 54), isto é, um conjunto (nulo, único ou múltiplo) de entidades, como, por exemplo, “caderno”, “mesa”, “cidade”, “reunião”, “crença” e “razão” (PEZATTI, 2016, p. 23).

Além das funções retóricas que se aplicam aos Atos Discursivos, a GDF considera três funções pragmáticas, que se aplicam ao Conteúdo Comunicado como um todo, ou ao Subatos: (1) *Foco* – sinaliza a seleção estratégica de novas informações que o Falante apresenta, tanto para preencher uma lacuna na informação do Ouvinte quanto para corrigir essa informação; (2) *Tópico* – função atribuída a um Subato para indicar como o Conteúdo Comunicado se associa ao registro construído de maneira gradual no Componente Contextual; e (3) *Contraste* – sinaliza o interesse do Falante em destacar as distinções tanto entre dois ou mais Conteúdos Comunicados quanto entre um Conteúdo Comunicado e uma informação disponível no contexto (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 53-54). Essas funções pragmáticas definem os moldes de Conteúdo Comunicado, ou seja, suas configurações em Téticas, Apresentativas e Categorias.

As construções Téticas são constituídas de um ou mais Subatos, sendo todos eles marcados pela função pragmática *Foco* (PEZATTI, 2012b, p. 366), conforme (7), extraído de Pezatti (2017, p. 31, grifo nosso).

(7) [e *começam a surgir as, as, as ravinas*]Foco (AN97:GuerraAmbiente).

As construções Apresentativas indicam a emergência de uma entidade referencial no discurso por meio de um Subato que veicula a função de *Foco*, uma vez que contêm a informação nova (PEZATTI, 2017, p. 31), conforme o exemplo (8), retirado de Pezatti (2012b, p. 373, grifo nosso).

(8) e tem [*um banheiro e uma sala*]Foco (BR80:Fazenda:18).

As construções Categorias se caracterizam por apresentar um *Tópico* ou um *Foco*, ou seja, dispõem sempre de um Subato que veicula ou a função de *Tópico* ou a de *Foco* (PEZATTI, 2012b, p. 374). O português se caracteriza como uma língua orientada para o *Tópico*, fato facilmente observável, uma vez que, se excetuando as construções Téticas e Apresentativas, as sentenças do português apresentam sempre um constituinte *Tópico*, conforme exemplificado na sentença em (9), extraída de Pezatti (2017, p. 29, grifo da autora), em que o sintagma “*a religião tradicional*” é pragmaticamente o *Tópico* e morfossintaticamente o sujeito.

(9) *a religião tradicional* desapareceu de pouco a pouco (TL99:IdentidadePovo).

3.2 Nível Representacional

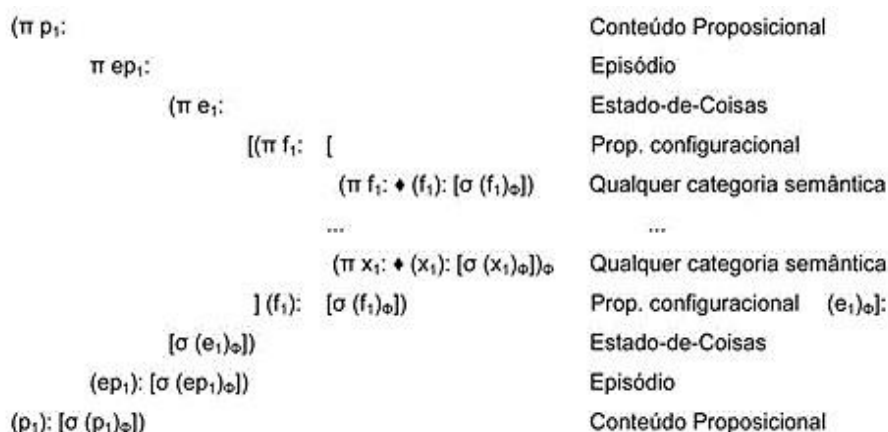
O Nível Representacional diz respeito aos aspectos semânticos relativos à maneira como a língua se associa ao mundo extralinguístico descrito por ela e aos significados de unidades lexicais e de unidades complexas, independentemente do modo como essas unidades são utilizadas em uma situação comunicativa, sendo, pois, esse nível responsável pela designação de categorias semânticas (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 54). As categorias semânticas são organizadas hierarquicamente, conforme a Figura 3.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 55), os Conteúdos Proposicionais (p), ou seja, as unidades mais altas do Nível Representacional, são construtos mentais, isto é, conhe-

cimentos, crenças e desejos, que podem ser factuais ou não factuais, e se caracterizam em virtude de poderem ser qualificados em termos de atitudes proposicionais, como também em termos de sua fonte ou origem. A palavra “ideia”, por exemplo, corresponde a um Conteúdo Proposicional (PEZATTI, 2016, p. 28).

Além disso, como afirmam Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 56), os Conteúdos Proposicionais contêm Episódios (ep), que, por sua vez, possuem Estados de Coisas com unidade ou continuidade de Tempo (t), Localização (l) e Indivíduo (x). As palavras “desenvolvimento” e “história” exemplificam a categoria Episódio (PEZATTI, 2016, p. 28).

Figura 3 – Relações hierárquicas do Nível Representacional



Fonte: Adaptada de Hengeveld e Mackenzie (2008)

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 56), os Estados de Coisas (e) se caracterizam por serem localizados no tempo e por poderem ser avaliados em termos de seu estatuto de realidade. A palavra “reunião”, por exemplo, remete-se à categoria semântica Estado de Coisas (PEZATTI, 2016, p. 28).

Um Estado de Coisas se caracteriza por ser constituído de uma Propriedade Configuracional, de natureza composicional, que contém uma combinação de unidades semânticas sem relação de hierarquia entre si (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 56).

As Propriedades Configuracionais integram o inventário dos moldes de predicação pertinentes em uma língua (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 57). É importante ressaltar que, de uma língua para a outra, haverá diferenças quanto ao número de moldes de predicação com relação à sua valência quantitativa e qualitativa (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 57).

A valência quantitativa se refere às unidades que formam um molde de predicação (PEZATTI, 2016, p. 29). Pezatti (2017, p. 46, grifo da autora), fundamentando-se em Hengeveld e Mackenzie (2008), aponta que o inventário dos moldes de predicação potencialmente possíveis são: (1) Propriedade de zero lugar (“Está *chovendo*”); (2) Propriedade de um lugar (“O garoto está *nadando*”); (3) Propriedade de dois lugares (“Carlos *mora* em Antuérpia”); (4) Propriedade de três lugares (“Sheila *colocou* o livro na estante”); (5) Propriedade relacional (“Esta *peça* é de *Shakespeare*”); (6) Classificação (“*Aquele* homem é um pintor”); (7) Identificação (“*Meu* professor é Pedro”); e (8) Existência (“Há *leões* na África”).

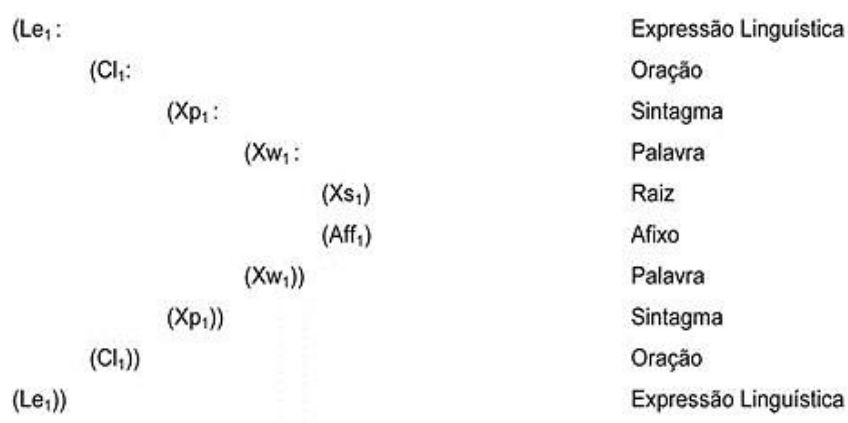
A valência qualitativa se refere às categorias semânticas das unidades componentes (Conteúdo Proposicional p , Estado de Coisas e , Indivíduo x , Lugar l , Tempo t , Modo m , Quantidade q , Propriedade f e Razão r) e ao modo como essas unidades são expressas em termos de funções semânticas. Pezatti (2017, p. 47, grifo da autora) afirma que, no Estado de Coisas, os participantes podem desempenhar três funções semânticas: (1) Ativo (*Actor*), entidade volitivamente envolvida no Estado de Coisas, como em “César destruiu a cidade”; (2) Inativo (*Undergoer*), entidade não volitivamente envolvida no Estado de Coisas, como em “A tempestade destruiu a cidade”; e (3) Locativo (*Locative*), função semântica tipicamente, mas não necessariamente, atribuída a um participante com a categoria semântica Lugar, como *do lado dos proprietários* em “muitos trabalhadores se colocaram imediatamente *do lado dos proprietários*” (PT97:TrabalhoPosseTerra) (PEZATTI, 2021, p. 40, grifo da autora). Além disso, de acordo com Pezatti (2021, p. 40, grifo da autora), compreende-se como Locativo o participante “*aos que fumavam*”, ao qual se transfere uma certa entidade, isto é, *uma caixa de charutos*, como em “[Dona Ana] oferecia uma caixa de charutos *aos que fumavam*” (PT97:AmoresCamilo) (PEZATTI, 2021, p. 40, grifo nosso).

Indivíduos (x), por sua vez, designam entidades de primeira ordem que são localizadas no espaço e avaliadas em termos de sua existência, ou seja, são definidos como entidades que ocupam um lugar no espaço, de tal forma que dois Indivíduos não podem ocupar o mesmo espaço físico (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 236). Assim, as palavras “árvore”, “caneta” e “cachorro” são exemplos da categoria semântica Indivíduo (PEZATTI, 2016, p. 28).

3.3 Nível Morfossintático

O Nível Morfossintático, segundo Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 58), remete aos aspectos estruturais de uma unidade linguística, sendo responsável pela codificação das distinções interpessoais e representacionais. A GDF não distingue um nível sintático e um nível morfológico, visto que princípios empregados na formação de palavras se equivalem aos utilizados na formação de sintagmas e de orações (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 59). As camadas relevantes do Nível Morfossintático são representadas na Figura 4.

Figura 4 – Relações hierárquicas do Nível Morfossintático



Fonte: Adaptada de Hengeveld e Mackenzie (2008)

Conforme Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 59), a Expressão Linguística (Le – *Linguistic Expression*) é qualquer conjunto de pelo menos uma unidade morfológica. Segundo os autores, as unidades que se combinam para formar uma Expressão Linguística podem ser orações, sintagmas ou palavras. A Oração (Cl – *Clause*) é formada de um ou mais sintagmas

agrupados e, possivelmente, de outras orações ou de palavras, sendo caracterizada tanto por um padrão de ordenação quanto por expressões morfológicas de conexão, como regência e concordância (verbal ou nominal). Além disso, pode operar como um domínio para muitos processos de natureza morfossintática (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 60).

A camada da Expressão Linguística pode ser formada por meio de processos de Cossubordinação, Coordenação, Extraoracionalidade, Equiordenação Oracional, Equiordenação Sintagmática e Listagem.

A Cossubordinação consiste na combinação de orações, em que a primeira oração não pode ocorrer sozinha, apesar de não ser constituinte da segunda, que pode, por seu lado, ocorrer independentemente (KEIZER, 2015, p. 182-183), conforme exemplifica a oração “*além de ele ser o professor*” em (10), extraído de Pezatti (2016, p. 33, grifo da autora).

(10) *além de ele ser o professor*, ele foi amigo da gente. (BR93: FestaEstudante).

Uma Expressão Linguística que contém duas ou mais orações independentes, por outro lado, é formada por Coordenação (KEIZER, 2015, p. 182), conforme mostra (11), extraído de Pezatti (2016, p. 33).

(11) [eu sei que há uma dispensa antecipada de alguns meses], [conheço algumas partes do estatuto, um pouquinho]. (MO97:Maternidade).

A Extraoracionalidade caracteriza uma Expressão Linguística que combina uma oração com um sintagma, sendo a oração uma unidade independente (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 308), conforme (12), também extraído de Pezatti (2016, p. 33, grifo da autora).

(12) *o presidente*, ele tem força e não tem. (BR80: Se eu mandasse).

A Equiordenação Oracional consiste na ocorrência de duas orações mutuamente dependentes, em que nenhuma delas pode ser empregada de forma independente, apesar de uma não ser constituinte da outra (KEIZER, 2015, p. 183), como em (13), extraído de Pezatti (2016, p. 33, grifo da autora).

(13) -> não, *nós gostamos tanto*
- hum.
-> *que passa bem* (BR80: Samba).

A Equiordenação Sintagmática, por seu turno, ocorre quando os dois sintagmas implicados são mutuamente dependentes (KEIZER, 2015, p. 183), conforme o exemplo (14), extraído de Pezatti (2021, p. 43, grifo da autora), com a expressão “*tanto na minha família como em pessoas que conheço*”.

(14) -> talvez por causa das coisas que eu já, já vejo à minha volta, não é?,
- hum, hum.
-> *tanto na minha família como em pessoas que conheço*. e, prontos, é assim que eu quero, eu não posso dizer que não me pode acontecer outra coisa... (PT96:MaridoIdeal).

A Listagem ocorre quando se pode formar uma Expressão Linguística por meio da combinação de sintagmas e/ou de palavras (KEIZER, 2015, p. 182), conforme exemplificam os sintagmas em (15), “*reduto de americano, prostituição, contrabando de drogas e miséria*” (PEZATTI, 2021, p. 59, grifo da autora). Porém, com a ressalva de que não se pode interpre-

tar a lista como se fosse uma oração incompleta, visto que ela constitui uma série de Atos Discursivos, constituídos cada um por apenas um único Subato Referencial.

(15) Cuba em mil novecentos e cinquenta e sete o que é que era? *Reduto de americano, prostituição, contrabando de drogas e miséria*. Contradição de sociedade, surgiu uma nova coisa. (BR87:EconomiaSociedade).

Além da Expressão Linguística, há, no Nível Morfossintático, a camada da Oração (CI), formada por um grupo de um ou mais sintagmas caracterizados por um padrão de ordenação e por expressões morfológicas de conectividade, consistindo, dessa forma, em uma sequência de palavras, de sintagmas e de orações encaixadas (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 60), como visto anteriormente. Além disso, para a GDF, os casos em que uma oração ocorre como constituinte de outra intitulam o processo de Subordinação, conforme (16), exemplo extraído de Pezatti (2016, p. 34, grifo nosso), em que a oração “*as raparigas não saem*” é um complemento da oração principal.

(16) nós constatamos *que as raparigas não saem* (CV95: Raparigas).

Com base em Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 60), um Sintagma (Xp) apresenta como núcleo um elemento lexical, oriundo de um dos níveis de formulação. Desse modo, os Sintagmas constituem, tal como a Oração (CI), uma configuração sequenciada de palavras, de outros sintagmas e de orações encaixadas. A depender do núcleo, o Sintagma pode ser Verbal (Vp), Nominal (Np), Adjetivo (Ap), Adverbial (Advp) e Adposicional (Adp).

No caso do Vp, há, como elemento principal, um verbo nocional ou uma palavra verbal. Assim, na oração em (17a), extraída de Pezatti (2016, p. 36, grifo da autora), o Vp é constituído de uma palavra verbal (a cópula) e de um Np, diferentemente de (17b), em que o Vp é constituído apenas do núcleo (verbo).

(17a) a base econômica *é a agricultura* (MO86: Chuva).

(17b) pouco tempo depois *choveu* (MO86: Chuva).

O Np se constitui de um elemento fundamental, ou seja, um nome ou outro elemento lexical, que pode ser especificado por operadores ou restringido por modificadores, conforme (18), extraído de Pezatti (2016, p. 36, grifo da autora).

(18) uma *doença* (GB95: Sida).

O Ap se constitui de um adjetivo ou de outro termo lexical usado com esse mesmo valor, conforme (19), extraído de Pezatti (2016, p. 36, grifo da autora).

(19) muito *fundamental* (TL99: Identidade de um povo).

O Advp se constitui de apenas um advérbio ou de outro termo lexical usado com esse mesmo valor, como no exemplo (20), extraído de Pezatti (2016, p. 37, grifo nosso).

(20) *ontem* (PT95: Vida de estudante).

O Adp é constituído de uma adposição, que pode ser anteposta, como é o caso do português, ou posposta a um nome, conforme (21), extraído de Pezatti (2016, p. 37, grifo nosso), composto pela preposição *em* e pelo sintagma nominal “*a minha vida*”.

(21) *na minha vida* (MO86: Chuva).

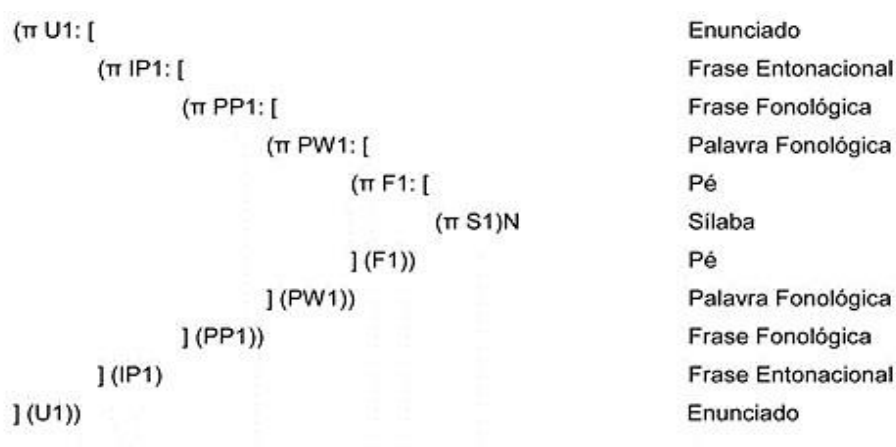
A última camada do Nível Morfossintático, a Palavra (Xw), além de ser composta de Raízes (Xs) e de Afixos (Aff), pode, em algumas línguas, encaixar camadas de ordem superior, como sintagmas e orações, obedecendo ao princípio da recursividade (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 61). As Palavras “podem ser nominais (Nw), adjetivais (Adjw), adverbiais (Advw), verbais (Vw) ou gramaticais (Gw)”, enquanto os Radicais (*stem*) “podem ser nominais (Ns), adjetivais (Adjs) ou verbais (Vs), sendo os morfemas gramaticais representados pelos Afixos”, segundo apontam Pezatti, Paula e Galvão Passetti (2019, p. 7).

3.4 Nível Fonológico

O Nível Fonológico é responsável pelos aspectos da codificação que não foram incluídos no Nível Morfossintático, uma vez que recebe o *input* de todos os três outros níveis de análise e fornece o *input* necessário para o Componente de Saída (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 62).

Para Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 62), há os seguintes primitivos com os quais o Nível Fonológico opera: (1) “os padrões prosódicos que se aplicam em cada camada de análise”; (2) “um inventário das sequências segmentais (o léxico gramatical) que expressam configurações específicas de morfemas ou marcadores de posição (*placeholders*) introduzidos em outros níveis”; e (3) “um conjunto de operadores terciários que terão seu efeito final no componente de saída”. A representação da estratificação máxima do Nível Fonológico está esboçada na Figura 5.

Figura 5 – Relações hierárquicas do Nível Fonológico



Fonte: Adaptada de Hengeveld e Mackenzie (2008)

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 63), o Enunciado (u) é a maior camada abrangida pelo Nível Fonológico, pois um Falante tende a utilizar pausas mais longas, a fim de separar os Enunciados das Frases Entonacionais, além de exibir distinções de altura, denominadas *paratons*, que contribuem para marcá-lo como um grupo autônomo de Frase Entonacional (BROWN; YULE, 1983, p. 101, apud HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 63). O Componente de Saída pode, por exemplo, reagir a uma fronteira de Enunciado inserindo fenômenos como abaixamento da frequência fundamental final, alongamento segmental, voz crepitante, redução da amplitude, pausas longas, contornos de “finalidade” estilizados, entre outros (VENDITTI, 2005, p. 191, apud HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 63). O exemplo (22), extraído de Pezatti (2016, p. 38), exemplifica um caso de Enunciado.

(22) [Não repare não que a jabá foi feita avexada]U (BR80: Bichinho).

A Frase Entonacional (ip) se caracteriza por apresentar um núcleo, isto é, um movimento tonal localizado em uma ou mais Sílabas, que é importante para a interpretação da Frase Entonacional como um todo (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 63). Além disso, é separada de outra Frase Entonacional por uma pausa menor do que aquela que separa Enunciados (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 63). O exemplo (23), conforme Pezatti (2016, p. 38), apresenta duas Frases Entonacionais.

(23) [[Não repare *não*]IP [que a jabá foi feita *avexada*]IP]U.

A Frase Fonológica (pp), por sua vez, contém, em línguas acentuais, uma sílaba acentuada mais fortemente do que as outras, dado que, em grande parte das ocorrências, essa sílaba nuclear é o local principal para a queda ou subida global dentro da Frase Entonacional, diferentemente de línguas tonais, em que o movimento tonal é empregado para distinções lexicais (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 64). No exemplo (24), segundo Pezatti (2016, p. 38), há três Frases Fonológicas.

(24) [[[Não repare *não*]PP]IP [[que a jabá]PP[foi feita *avexada*]PP]IP]U.

À luz das ideias de Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 64), a Palavra Fonológica (pw) é uma parte da estrutura fonológica “que pode estar relacionada ao número de segmentos, aos recursos prosódicos ou ao domínio das regras fonológicas”. Conforme os autores, as Palavras Fonológicas se constituem de Sílabas (s), que, no caso de línguas acentuais, organizam-se em Pés (f), e o acento é indicado pelo operador “s” na variável Sílaba.

4. Considerações finais

Em um modelo funcional de análise e de descrição linguística, a língua deve ser observada em um contexto de comunicação e de interação social. Este trabalho de revisão bibliográfica propôs-se a apresentar, de forma resumida, os pressupostos teóricos da GDF, com enfoque nos níveis de organização linguística que integram o Componente Gramatical, sendo o Interpessoal, o Representacional, o Morfossintático e o Fonológico.

Evidencia-se, de acordo com o referencial teórico adotado (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008; KEIZER, 2015), que o enunciado se constrói inicialmente, no Componente Conceitual, com a intenção comunicativa do Falante, que passa pelo Componente Gramatical, em que é formulado em unidades pragmáticas e semânticas e codificado em unidades morfossintáticas e fonológicas. Desse modo, a GDF é, como aponta Pezatti (2011, p. 26), uma teoria que mostra ter adequação *tipológica*, pois, além de ser capaz de fornecer gramáticas para línguas tipologicamente distintas, consegue explicar as similaridades e as diferenças entre os diferentes sistemas linguísticos; *psicológica*, já que é capaz de definir a compatibilidade entre a descrição gramatical e hipóteses psicológicas fortemente evidentes sobre o processamento linguístico, em termos de princípios e estratégias que determinam o modo como as expressões linguísticas são percebidas, interpretadas, processadas, armazenadas, recuperadas e produzidas; e adequação *pragmática*, porque revela as propriedades das expressões linguísticas em relação à descrição das regras que regem a interação verbal. O padrão de adequação pragmática é o que apresenta maior peso nessa teoria funcionalista, tornando-o capaz de fornecer explicações para fenômenos gramaticais que envolvem a inter-relação de aspectos pragmáticos, semânticos, morfossintáticos e fonológicos (PEZATTI, 2011, p. 26).

É o que faz Peres (2020), por exemplo, ao distinguir e explicar com clareza os cinco usos de *mesmo*, relacionando-os aos dois níveis de formulação e às diferentes camadas

em que operam, e ao descrever suas propriedades pragmáticas e semânticas, que se refletem na codificação morfossintática. A autora, diferentemente de outros estudiosos, como Dantas *et al.* (2018, p. 1104), que reconhecem que ambiguidades e relações duvidosas não permitem explicações satisfatórias para a multifuncionalidade de *mesmo*, mostra como esse item é utilizado na interação entre os participantes. Para ela, ele pode ser usado para indicar intensificação de uma camada ou para indicar o desejo do falante de realçar diferenças particulares entre dois ou mais conteúdos comunicado ou entre um conteúdo comunicado e informações contextualmente disponíveis. Trata-se, no primeiro caso, da categoria Ênfase e, no segundo, da função pragmática Contraste. Assim, *mesmo*, seja como operador ou como função pragmática, constitui traços abstratos do Nível Interpessoal, que se manifesta morfossintaticamente como palavra gramatical na camada do Sintagma, ocupando respectivamente a posição pós-nuclear e a pré-nuclear do sintagma que escopa.

No Nível Representacional, *mesmo* tem propriedades de operador quando é usado para indicar que a entidade retomada é idêntica à apresentada anteriormente. Como núcleo de sintagma, *mesmo*, como pronome, retoma anaforicamente um referente já dado. Ao restringir um Estado de Coisas, indicando sua real ocorrência, assume as propriedades de modificador, manifestando-se como palavra lexical. Esses usos se refletem, no Nível Morfossintático, por meio da posição que *mesmo* ocupa na unidade sintática em que opera. Atuam na camada do Sintagma o operador de identidade idêntica, que, antecedido pelo artigo definido, assume a posição imediatamente antes do núcleo, e a proforma anafórica, representante do núcleo do sintagma, assume a posição medial. O modificador semântico de Realidade, por sua vez, opera na camada da Oração, tendo como escopo a palavra verbal, por isso se posiciona antes ou depois dela.

Referências

- BROWN, G.; YULE, G. *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- DANTAS, M. L.; UCHÔA, S. A. de O.; CABRAL, S. A. de O.; NUNES, G. C. Gramaticalização do item linguístico *mesmo*: funções polissêmicas do uso. *Revista de Psicologia*, [s. l.], v. 12, n. 41, p. 1096-1108, 2018. ISSN: 1981-1179. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1283>. Acesso em: 13 mar. 2021.
- DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Pt I: The structure of the clause. Dordrecht/ Providence: Foris Publication, 1989.
- DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Pt II: Complex and derived constructions. New York: Mouton, 1997.
- HENGVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- HENGVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Gramática Discursivo-Funcional. In: SOUZA, E. R. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012. v. 1. p. 43-86.
- KEIZER, E. *A Functional Discourse Grammar for English*. United Kingdom: Oxford University Press, 2015.
- KROON, C. *Discourse Particles in Latin* (Amsterdam Studies in Classical Philology 4). Amsterdam: Gieben, 1995.
- PERES, A. C. T. *O uso de mesmo em cartas do português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX*. 2020. 202 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2020.
- PEZATTI, E. G. GDF: uma teoria gramatical ou uma teoria do uso? *Guavira Letras*, Três Lagoas, v. 12, n. 1, p. 25-35, 2011. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/196/171>. Acesso em: 14 fev. 2022.
- PEZATTI, E. G. A Gramática Discursivo-Funcional e o contexto. In: SOUZA, E. R. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012. v. 1. p. 107-132.
- PEZATTI, E. G. Ordenação de constituintes em construções categorial, tética e apresentativa. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v. 28, n. 12, p. 353-385, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/9852>. Acesso em: 14 fev. 2022.
- PEZATTI, E. G. Gramática Discursivo-Funcional: uma breve apresentação. In: PEZATTI, E. G. (org.). *Construções subordinadas na lusofonia: uma abordagem discursivo-funcional*. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2016. p. 15-40. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/zpbsx/epub/pezatti9788568334805.epub>. Acesso em: 14 fev. 2022.
- PEZATTI, E. G. *Sintaxe Descritiva da Língua Portuguesa: Gramática Discursivo-Funcional*. São Paulo: [s. n.], 2017. (Apostila Didática).

PEZATTI, E. G.; PAULA, D. C. F. de.; GALVÃO PASSETTI, G. H. Contraposição não oracional com mas: substituição e acréscimo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 61, p. 1–18, 2019. DOI: 10.20396/cel.v61i1.8653710. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8653710>. Acesso em: 13 mar. 2021.

PEZATTI, E. G. A gramática discursivo-funcional e a coordenação. *In*: PEZATTI, E. G.; CAMACHO, R. G.; HATTNHER, M. M. D'A. (org.). *Construções coordenadas nas variedades portuguesas: uma abordagem discursivo-funcional*. São Paulo: Mercado de Letras, 2021. p. 17-68.

TOJEIRA-RAMOS, J. P. *Introdução aos estudos de linguística funcional: Gramática Funcional e Gramática Discursivo-Funcional*. Relatório Final de Estágio de Formação Básica – Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2020.

VENDITTI, J. J. The J_ToBI model of Japanese intonation. *In*: JUN, S. (ed.). *Prosodic Typology*. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 172-200.